



O camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

AJUDEMOS

«O CAMPONÊS» I

Nas lutas da classe camponesa o nosso jornal tem tido um papel muito importante, decisivo, para a sua conclusão vitoriosa. Defendemos esta grande arma de luta e um dever de todos os camponeses e camponesas. Para que o nosso «CAMPONÊS» continue a servir a luta é preciso darmos-lhe a nossa ajuda financeira. A redacção apela para que em toda a parte onde chegue «O CAMPONÊS» se recolham fundos e se levem a cabo várias iniciativas para ajudar o nosso jornal. Contribuamos para as listas de auxílio ao «CAMPONÊS»!

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

unidos na luta por melhores jornas!

Vamos começar este ano as ceifas depois de longos meses de desemprego e de fome. Nunca a nossa situação foi tão má, nunca sofremos tantas privações como nos últimos meses. Nalguns locais os agrários resolveram não dar qualquer trabalho em todo um mês antes das ceifas e conseguiram que muitos trabalhos do Estado paralisassem, para nos vencerem pela fome e imporem jornas baixas.

Temos, por isso, de fazer frente à ofensiva combinada dos nossos exploradores.

No último número de «O CAMPONÊS» dávamos um balanço às experiências do ano passado e punhamos à discussão de todos os ceifeiros e ceifeiras aquilo que deveria fazer-se este ano. Na base dessas experiências nós poderemos encontrar o caminho para novas vitórias.

AS REUNIÕES DE MASSA FORTALECEM A UNIDADE

Muitas reuniões de massa foram já feitas em vários locais com a participação de centenas de ceifeiros e ceifeiras. Há exemplos de reuniões em que tomaram parte 60, 70 e até 100 camponeses e camponesas, não apenas de uma localidade mas de várias em conjunto. As reuniões de massas continuam a ser, como no passado, importantes laços da nossa unidade. Devemos fazê-las em todos os locais e mais do que uma, de ceifeiros e ceifeiras, não só antes como durante as ceifas, para poderemos sempre acertar os nossos passos conforme a situação.

LUTEMOS POR UMA JORNA COMPENSADORA

Nas reuniões já feitas todos são de opinião que se deve lutar por uma jorna que compense um pouco as

duras privações destes meses e nos garanta melhor passadio depois delas. Não somos nós, trabalhadores, os culpados de termos de aproveitar a época das ceifas para exigir jornas mais altas. São os agrários, condenando as famílias camponesas a passar fome na maior parte do ano, que nos obrigam a vender mais caro o nosso trabalho quando eles mais precisam de nós.

O mau tempo atrasou as ceifas. Há ainda searas curtas e concer-

Catarina Eufémia

FOI ASSASSINADA HÁ 2 ANOS!

O dia 19 de Maio é um dia de luta da classe camponesa. Há dois anos a nossa heróica CATARINA EUFÉMIA caiu varada pelas balas assassinas do monstro Carrajola. Catarina alimentou com o seu sangue generoso a luta dos ceifeiros por melhores jornas. O seu nome é uma bandeira de luta por melhores dias, pela libertação dos camponeses, pela REFORMA AGRÁRIA.

Recordemos a morte da nossa querida Catarina, lembrando o seu heróico exemplo e exigindo o castigo do seu miserável assassino!

Que todos os ceifeiros e ceifeiras comecem as ceifas deste ano fazendo dois minutos de silêncio em memória de CATARINA EUFÉMIA!

Que o seu nobre exemplo nos dê novos alicerces para lutar e vencer!

teza virá a ceifar-se muito trigo ao mesmo tempo que a cevada e outro cereal. Devemos aproveitar isto para arrancar dos agrários jornas melhores.

Para isso é necessário combinarmos tudo a tempo, ouvir e somar as opiniões de todos e depois assentarmos na jorna a pedir.

CONTRATOS, SIM, MAS QUE DEFENDAM OS TRABALHADORES

Uma das coisas que se tem discutido nas reuniões de massa é a questão do contrato para toda a ceifa.

A experiência do ano passado, como se dizia no último número de «O CAMPONÊS», mostrou que os contratos para toda a ceifa podem ser uma defesa mais segura do nosso trabalho e uma maneira de amarrar os agrários aos seus compromissos. Mas devemos ser cautelosos. Não é qualquer contrato que nos serve. Só devemos aceitar contratos que defendam os nossos interesses e no qual os trabalhadores tenham voz activa. Os nossos interesses serão defendidos se formos desde já em massa à Casa do Povo e levarmos as direcções, acompanhadas de ceifeiros e ceifeiras escolhidos por nós, a discutir e estabelecer com os agrários contratos para toda a ceifa.

FORMEMOS COMISSÕES DE UNIDADE

A formação de comissões de unidade camponesa é um passo muito importante para a vitória das nossas reivindicações. Em algumas das reuniões de massa já feitas foram escolhidos ceifeiros e ceifeiras para as comissões de unidade. Nalgumas reuniões participaram trabalhadores de várias terras o que tem enorme importância para o alargamento e fortalecimento da nossa unidade em regiões inteiras. Criam-se assim as melhores condições para a formação de comissões regionais de unidade e para a direcção da luta numa base regional. Existe já várias comissões de ceifeiros e ceifeiras uma delas, por exemplo, com 20 mulheres, e não há dúvida que com a sua formação teremos mais condições para defender os nossos interesses. Com elas iremos às praças de jornas como um bloco, unidos como os dedos da mão.

Ceifeiros e Ceifeiras!

(continuação da 1ª pag.)
**UNIDADE LARGA E
COMBATIVA**

Não pensemos que os agrários vão ceder com facilidade aos nossos justos pedidos. Eles contam com a nossa miséria e com a ajuda da GNR e da PIDE, para nos forçarem a aceitar as suas condições. Mas a nossa unidade pode muito e será invencível. Quanto mais unidos e firmes, mais seguramente venceremos a batalha das ceifas. Venceremos a resistência dos agrários e a repressão da GNR e da PIDE, conquistando as praças de jornas, atraindo à unidade todos os ceifeiros e ceifeiras e mantendo-nos firmes na defesa das nossas reivindicações.

Venceremos, trazendo à unidade os ceifeiros de fora levando-os a enfileirar ao nosso lado na luta pela jorna pedida e interessando os comerciantes, os seareiros e os pequenos proprietários e rendeiros na obtenção das nossas reivindicações.

Venceremos, fazendo amplas concentrações nas praças de jornas, na Casa do Povo, junto das autoridades recorrendo à arma da greve se não tivermos outros recursos!

Venceremos, finalmente, lutando em massa contra a repressão, defendendo os nossos companheiros e companheiras da acção da PIDE e da GNR e, em caso de prisões, organizando a solidariedade aos que forem atingidos pela repressão e às suas famílias.

MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

Nestes meses de negra fome e de desemprego os grandes agrários do braço dado com as autoridades salazaristas têm procurado aproveitar-se da nossa afilhada situação para nos explorar da maneira mais infame.

Estes combinados de ladrões, juntos à enorme carestia da vida aumentaram a fome camponesa e a indignação do povo.

Os trabalhadores de VALE DE VARGO lutaram durante mais de 15 dias por trabalho ou pão e deram provas de grande combatividade.

No dia 23 de Março 250 camponeses abordaram o director d' Hidráulica reclamando trabalho e chegando mesmo a pecar nas terras. Depois, a nas de 100 apoiaram o caso da GNR insistindo diariamente com as autoridades sem que estas dessem qualquer providência. Então, no dia 6 de Abril, ao toque de alarido, que é como os camponeses se chamam agora uns aos outros para as concentrações, 300 homens e mulheres com os seus filhos foram à Casa do Povo mas o presidente não estava. Apareceu a GNR de balteia calada mas o povo não se temeu nem aterrorizou. Como um GNR tentasse agredir uma camponesa as mulheres começaram a gritar e o povo correu juntando-se mais de 700 pessoas que levaram diante de si a GNR aos gritos de "Não queremos guerra! Queremos Pão!" e "Pão! Pão! Pão!"

O tenente da GNR viu-se obrigado a mandar chamar o presidente da Junta para resolver a situação. Depois disto distribuíram a cada pessoa meio quilo de pão, um decilitro de azeite e um litro de grão.

Esta miséria foi distribuída pelo tesoureiro da C. do Povo acompanhada por uma patrulha da GNR, enquanto alguns agrários iam com canivete, do povo. No fim, sobre o saco de grão que o tesoureiro alapardou para si. Esta luta do povo de VALE DE VARGO foi muito importante mas teria sido possível ir mais além se se mantivesse a mesma firmeza e unidade. Tinha sido possível obrigar os agrários e a Hidráulica a dar trabalho aos desempregados e o tesoureiro não teria roubado o saco de grão.

Os trabalhadores de BALEIZÃO conseguiram melhor jorna nas mondas e levaram a cabo uma importante acção contra o desemprego. Na herdade de Passos Conde, 250 mulheres nas herdades das Chocas, 60 mulheres nas Comendas, 30 e das Albufeiras (propriedade do Lameiro) outras 60 conseguiram a jorna de 11\$00 em vez dos 10\$00

que ganhavam.

Entretanto, com o mau tempo o desemprego caiu em força sobre o povo de BALEIZÃO e 100 mulheres foram ao posto da GNR participar que iam à C. do Povo reclamar pão pois o povo tinha fome. Outras se juntaram e mais de 500 concentraram-se na C. do Povo. Compareceram o agrário dr. Ferrão, o regedor e o cabo da GNR que distribuíram sementes para cada pessoa levantar nesse dia meio quilo de pão e nos quatro dias seguintes meio quilo de pão, e um decilitro de azeite para 2 pessoas.

O povo queria de novo protestar contra esta miséria mas o tempo melhorou e as mondas retomaram.

Em FIAS, mais de 150 desempregados têm-se concentrado regularmente em grupos que chegaram a 70 na C. do Povo. Como a C. do Povo só se interessa pelos sócios em dia, 100 trabalhadores enviaram uma exposição à Junta Central das C. do Povo pedindo uma amnistia para as cotas em atraso por estarem há 3 ou 4 meses sem trabalho.

Os trabalhadores de S. ANDRÉ (S. Tiago do Cacém) assentaram este ano em pedir uma jorna de 22\$00, nas Caves do arroz mais 2\$00 que o ano passado. Os agrários quiseram manobrar aceitando os 22\$00 desde que o trabalho fosse de sol a sol. O seu plano era acabar com o horário das 8 horas que a classe camponesa conquistou em lutas difíceis.

A unidade e a firmeza dos trabalhadores de S. ANDRÉ desfizeram mais uma vez a manobra dos agrários que não só tiveram de respeitar o horário das 8 horas como ainda conseguiram, com o aperto do trabalho, jornas de 24\$00. E preciso estamos, porém, alerta contra novas tentativas dos agrários para imporem o trabalho de sol a sol.

Um rancho de mulheres de S. CRISTÓVÃO contratadas a 10\$00 para toda a temporada da monda, fez recuar a manobra do agrário que queria apenas pagar-lhes a 3\$50 e entregar as jornas ao cabo da GNR. O agrário quis, porém, despedir 3 mulheres e então como resposta todas as mulheres abandonaram o trabalho e se recusaram a trabalhar para aquele explorador.

Em BORBA, mais de 120 camponeses que andavam mendigando, concentraram-se na Câmara Municipal conseguindo arrançar 27 a 30\$00 de gêneros.

Não podendo suportar a fome 200 trabalhadores de SERPA reuniram-se no largo da Câmara e decidiram fazer uma exposição ao INT reclamando trabalho ou um subsídio de desemprego e insistiram com o presidente da Câmara. Este recolheu o nome de todos e encarregou a Comissão de Assistência de distribuir meio litro de sopa de leite e 200 gramas de pão para 24 famílias de 20 a 40 trabalhadores sem sopa.

A luta contra o desemprego e pelo pão tem de ser travada sem desaliciamentos. A unidade de todos os camponeses e camponesas deve ser mantida e alargada com a participação de todas as pessoas interessadas numa situação mais desafiada para os trabalhadores, como os comerciantes, etc. Devemos aumentar de combatividade até obrigar os agrários e as autoridades salazaristas a dar-nos pão ou trabalho com jorna que permita matar a fome aos nossos filhos.

O POVO DE BALEIZÃO LUTA PELA AMNISTIA

No dia 14 de Fevereiro chegaram a Baleizão 3 jovens que haviam sido presos por andarem à caça de perdizes para matar a fome. A sua chegada no comboio da 14 da madrugada, mais de 500 pessoas os receberam festivamente com foguetes. Os jovens foram em seguida levados para um baile onde tiveram um alegre acolhimento.

No dia seguinte foi deitado um morteiro e foi-lhes feita uma pequena festa a que assistiram 40

pessoas. Em seguida cerca de 70 camponeses e camponesas andaram pelas ruas cantando canções progressistas e populares. Algumas pediram a libertação dos presos políticos. Foi resolvido enviar ao Ministro da Justiça duas exposições, assinadas por 200 pessoas pedindo amnistia para todos os presos políticos e a libertação dos que já cumpriram as suas penas e ainda se encontram encarcerados. Eis duas das suas canções.

Se a liberdade dos presos
Na minha mão estivesse
Soltava presos e presas
Enquanto presos houvesse

O raparigas pensem bem
O que a gente está sofrendo
Na flor da nossa idade
Estamos à fome morrendo